



CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNVIC



Fundação Universitária
Vida Cristã - Brasil
Membro do Movimento de Clubes,
Centros e Associações para a UNESCO

Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

**CLAUDIA MONTEIRO DAS CHAGAS
DÉBORA DOS SANTOS RODRIGUES**

O PODER DO PERDÃO: uma análise psicoteológica

**Pindamonhangaba – SP
2019**



CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNVIC



Fundação Universitária
Vida Cristã - Brasil
Membro do Movimento de Clubes,
Centros e Associações para a UNESCO

**CLAUDIA MONTEIRO DAS CHAGAS
DÉBORA DOS SANTOS RODRIGUES**

O PODER DO PERDÃO: UMA ANÁLISE PSICOTEOLÓGICA

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Teólogo pelo curso de Bacharel em Teologia do Centro Universitário FUNVIC.

Orientador: Ms. Wellington Da Cunha Waldhelm.

**Pindamonhangaba - SP
2019**

Chagas, Claudia Monteiro; Rodrigues, Débora dos Santos

O poder do perdão: uma análise psicoteológica / Claudia Monteiro das Chagas ; Débora dos Santos Rodrigues / Pindamonhangaba -SP : UniFUNVIC Centro Universitário Funvic, 2019.

35f.

Monografia (Graduação em Teologia) UniFUNVIC – SP.

Orientador: Prof. Ms. Wellington da Cunha Waldhelm.

1 Perdão. 2 Arrependimento. 3 Reconciliação. 4 Confissão. 5 Restauração. I O poder do perdão: uma análise psicoteológica. II Claudia Monteiro das Chagas ; Débora dos Santos Rodrigues.



CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNVIC



Fundação Universitária
Vida Cristã - Brasil
Membro do Movimento de Clubes,
Centros e Associações para a UNESCO

**CLAUDIA MONTEIRO DAS CHAGAS
DÉBORA DOS SANTOS RODRIGUES**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Teólogo pelo curso de Bacharel em Teologia do Centro Universitário FUNVIC.

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.: _____

Centro Universitário UniFUNVIC

Assinatura: _____

Prof.: _____

Centro Universitário UniFUNVIC

Assinatura: _____

Prof.: _____

Centro Universitário UniFUNVIC

Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho a Deus, como forma de honrar Aquele que nos guiou, nos capacitou e nos deu força para concluirmos essa jornada. Também dedicamos as nossas famílias por todo suporte e incentivo prestados a nós.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, a Deus que nos concedeu a vida e tem nos sustentado desde sempre. As nossas famílias que nos incentivaram a fazer o curso e nos deram apoio até o término deste, ao corpo docente da instituição pelo auxílio e, em especial, ao nosso orientador Wellington Da Cunha Waldhelm.

Agradecemos uma a outra pelo companheirismo, amizade e pela dedicação na elaboração deste trabalho e nessa jornada que caminhamos juntas.

“Lembre-se da minha ordem: Seja forte e corajoso! Não fique desanimado, nem tenha medo, porque Eu, o Senhor, seu Deus, estarei com você em qualquer lugar para onde for.”

Josué 1:9

RESUMO

A palavra perdão sempre foi muito utilizada no cunho religioso, porém poucos conseguem definir com precisão o real significado de tal ato e como o mesmo pode implicar na vida de um indivíduo ou nas partes que envolvem o processo do perdão. Mais recentemente, foi dado início ao estudo do perdão segundo a visão psicológica e como ele pode afetar o ser humano. Por outro lado, na teologia o perdão, existe a visão, por meio da sua profissão de fé que é a bíblia sagrada, sobre o que é o perdão e como ocorre o seu processo em si. O presente trabalho tem como objetivo, demonstrar o que é perdão, segundo a perspectiva psicológica e teológica, trazendo o seu resultado na prática em algumas situações, segundo as instruções bíblicas. A metodologia se baseia no uso bibliográfico, por meio do qual foram levantados e escolhidos livros e artigos que abordam o assunto em questão.

Palavras-chave: Perdão. Arrependimento. Reconciliação. Confissão. Restauração.

ABSTRACT

The word pardon has been widely used in the religious context however, there are few persons that can accurately define the real meaning of this act and there implications in the life of the person and others involved in the forgiveness process. Recently, studies of pardon theme has been initiated over the point of view of the psychology and how it can affect the humans. In the theology there is a vision, through of the faith profession that is the Bible, about the forgiveness definition and how its process takes place. The present work aims, through a conceptual review, to demonstrate what is forgiveness according to the psychological and theological view, bringing as a result the forgiveness in practice in some situations, in according to the biblical instructions. The methodology is based in a bibliographic review, where books and articles, related to the subject, were raised and selected.

KEYWORDS: Pardon. Repentance. Reconciliation. Confession. Restoration.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Processo do perdão segundo Murray.....	18
Quadro 02 - Processo do perdão segundo Enright.....	18
Quadro 03 - Processo Multidimensional.....	19

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1	O QUE É PERDÃO?.....	14
2.2	PERDÃO SEGUNDO A PSICOLOGIA	14
2.3	PROCESSO DE PERDOAR SEGUNDO A PSICOLOGIA	16
2.4	VINGANÇA X PERDÃO SEGUNDO A PSICOLOGIA	18
2.5	PERDÃO E RECONCILIAÇÃO SEGUNDO A PSICOLOGIA	18
2.6	PERDÃO SEGUNDO A TEOLOGIA	19
2.7	PERDÃO X DESCULPA NA VISÃO TEOLÓGICA.....	20
2.8	PROCESSO DO PERDÃO NUMA VISÃO TEOLÓGICA.....	21
2.9	PERDÃO CONDICIONAL	23
2.10	RECONCILIAÇÃO SEGUNDO A PERSPECTIVA TEOLÓGICA	24
2.11	PERDÃO E GRAÇA.....	25
2.12	PERDÃO E A IGREJA	26
3	ANÁLISE CONCEITUAL	26
3.1	PERDÃO NA PRÁTICA	26
3.2	PERDÃO X DIVÓRCIO.....	27
3.3	PERDÃO NO DIA A DIA	28
3.4	UTILIZAÇÃO DO PERDÃO COMO FORMA DE ABUSO	28
3.5	QUANDO VOCÊ É O OFENSOR	30
3.6	O PODER DO PERDÃO	30
4	METODOLOGIA	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33

1 INTRODUÇÃO

No princípio com a criação da humanidade, momento em que o pecado não imperava sobre a terra e o ser humano vivia em completa harmonia com Deus, uma atitude do homem em pecar contra o seu criador desencadeou na separação entre o homem e Deus e em seguida na separação do homem para com o seu semelhante.

Como efeito de tal ato, o pecado passou a abundar sobre a terra, trazendo diversas consequências para o homem como doenças na alma, distúrbios no caráter e na personalidade; causando traições, guerras, mortes, etc., porém Deus em sua total soberania e amor por a sua criação, não permitiu que a humanidade sucumbisse ao pecado, trazendo assim o seu perdão para com o homem por meio do sacrifício de Jesus Cristo na cruz.

Nos dias atuais, apesar do maior exemplo de perdão dado por Deus por meio de Cristo, o pecado ainda vem atuando na humanidade e tem feito com que algumas atitudes sejam consideradas normais dentro do âmbito de convívio social, onde a traição, a vingança e o ódio para com o próximo e até mesmo para com Deus, sejam atitudes de empoderamento e superioridade, fazendo com que a sociedade se torne cada vez mais doente por falta de perdão.

Nas igrejas não tem sido diferente, um lugar onde a compreensão a respeito do perdão deveria ser tangível, principalmente por ser o local onde é ministrado sobre o perdão de Cristo; infelizmente tem sido um lugar de resistência em perdoar, o que tem ocasionado problemas para os líderes ministeriais.

Deus mostra por intermédio das Escrituras Sagradas que o perdão é algo que pode ser alcançado tanto de Deus para com o homem, como do homem para com outro homem e que para se obter o perdão e perdoar é necessário sacrifício.

Tendo como base que o perdão é algo disponível e alcançável a todos, há o levantamento das seguintes problematizações enfrentadas pela maioria dos homens no que diz respeito ao perdão: Por que é preciso perdoar? O perdão é suficiente para reconciliação? O perdão me deixa livre das ofensas que me foram cometidas?

O presente trabalho tem como objetivo, demonstrar o que é perdão, segundo a visão psicológica e teológica, trazendo o seu resultado na prática em algumas situações, segundo as instruções bíblicas.

Segundo um artigo publicado no jornal da Folha de São Paulo (2003), foram realizadas algumas pesquisas assistidas por psicólogos, com determinados grupos de pessoas, por meio das quais conclui-se que a falta de perdão estava acarretando em doenças crônicas, aumento no nível de estresse e até mesmo depressão. Como conclusão, a liberação de perdão ajudou esses indivíduos a terem uma vida mais saudável e com menos problemas mentais e físicos.

O presente trabalho tem relevância, pois visa por meio de buscas bibliográficas conscientizar a importância individual de se perdoar e ser perdoado, principalmente no meio Cristão, buscando trazer também auxílio aos líderes de ministério no aconselhamento sobre perdão.

A pesquisa se delimita a um estudo bibliográfico, segundo Gil (2002) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos.

O trabalho tem efeito conceitual, limitando-se ao estudo sobre o perdão a luz da bíblia e de alguns autores de livros e artigos relacionados ao tema abordado.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Segundo Chapman (2007), cada indivíduo em sua convivência social, seja ela no trabalho, escola, igreja, etc., tem consciência do limite e senso do que é certo e o que é errado. Quando dois ou mais indivíduos, ao se relacionarem em diferentes níveis de intimidade como: amizade, matrimônio, família, etc., ultrapassam ou quebram a barreira do que é certo ou errado, ambas as partes ou apenas uma parte se sente ofendida e machucada pela outra, o que pode ocasionar em um abalo no relacionamento desses indivíduos.

Como consequência de tal ato pode surgir nos indivíduos ofendidos um senso de justiça, por meio do qual o indivíduo que ofendeu deve ser punido ou sofrer as consequências de forma justa pelos seus atos de ofensa. “embora a justiça possa proporcionar alguma satisfação a parte ofendida, não tem a capacidade de restabelecer relacionamentos.” (CHAPMAN, 2007, p.8) ,ou seja, somente a justiça não é suficiente para que haja uma reconciliação total entre os indivíduos. Com isso, podemos observar a necessidade do perdão nos relacionamentos em geral para que se possa obter restauração e harmonia no relacionamento entre as partes envolvidas (CHAPMAN, 2007).

No princípio da humanidade, com a queda do homem, o relacionamento entre Deus e o homem foi quebrado por causa do pecado e para que esse relacionamento fosse restaurado foi necessário não somente a justiça divina, mas também o seu perdão para com a humanidade, para que mediante a reconciliação por meio de Jesus Cristo, o homem tivesse a oportunidade de voltar a ser o que Deus o havia criado para ser antes do pecado (CHAPMAN, 2007).

Ainda segundo Chapman (2007), quanto maior o nível de intimidade entre os indivíduos, maior a facilidade e o anseio de se reconciliar, ou seja, ele diz que o ser humano tem a necessidade de pedir perdão de forma verbalizada, para que haja verdadeira reconciliação e não ocorra somente o senso de justiça que poderia ocasionar em desejo por vingança (CHAPMAN, 2007).

Segundo a Bíblia (LUCAS 17.4) para que o perdão possa ser alcançado de forma plena é necessário que haja confissão e arrependimento dos atos cometidos, para que assim haja restauração no relacionamento.

Não há como se obter restauração de um relacionamento quebrado sem pedir perdão ou liberar perdão de forma sincera e arrependida, segundo Chapman (2007, p. 10) “O perdão genuíno remove a barreira criada pela ofensa cometida e abre o caminho para a restauração gradativa da confiança.”

2.1 O QUE É PERDÃO?

Tanto se fala sobre perdão e quais as consequências físicas e emocionais que a falta do mesmo pode causar no ser humano, porém é de suma importância estabelecer a visão teológica e psicológica para melhor entendimento e aplicação do mesmo na relação interpessoal.

O significado de perdão de forma geral, segundo o dicionário Aurélio (2018), é remissão de culpa, dívida ou pena; absolvição, indulto, benevolência, indulgência ou fórmula que exprime um pedido de desculpas.

2.2 PERDÃO SEGUNDO A PSICOLOGIA

Segundo McCullough (2000), no século passado, onde a psicologia se institui como ciência, os estudos realizados sobre perdão e perdoar não foram largamente examinados, pois antigamente era considerado um assunto de cunho religioso. Para Verztman (2012, p. 252): “Não era de se esperar que um termo tão pregnante na tradição judaico-cristã pudesse ser alçado por Freud à guisa de conceito e, muito menos, um conceito que participasse de algum modo de sua proposta de tratamento para o sofrimento psíquico do sujeito neurótico”.

Porém, nos dias atuais, o perdão é considerado um instrumento de suma importância para a psicoterapia individual e conjugal, fazendo com que tal ato auxilie na cura de traumas e no restabelecimento da saúde física e mental (WILLIANS, 2012).

Apesar dos estudos recentes, muito ainda é discutido entre os psicólogos renomados a respeito da concordância sobre o que é perdão e o processo de perdoar. Segundo Murray (2002 apud WILLIANS, 2012), a literatura aponta dados consolidados de que os indivíduos

que expressam dificuldade em perdoar apresentam maior possibilidade de desenvolver distúrbios mentais e psicopatologias.

Para Robert Enright (1998), psicólogo educacional da Universidade de Wisconsin-Madison, nos EUA, que realiza estudos sobre perdão desde a década de 80, define perdão juntamente com North (1998) como:

Um desejo de abandonar o direito próprio ou ressentimento, julgamento negativo e comportamento indiferente direcionado à pessoa que injustamente nos feriu, ao mesmo tempo em que se promove as qualidades imerecidas da compaixão, generosidade e, até mesmo, amor por tal pessoa [...] mais do que simplesmente aceitar ou tolerar uma injustiça [...] cessar a raiva direcionada ao ofensor [...] bem como cessar o ressentimento para o bem de si próprio e de outros. (ENRIGHT; NORTH. 1998, p.47-48).

Para Lawler et al., (2005), o fato de o perdão estar ligado ao sentimento de raiva e ressentimento, faz com que o ato de perdoar esteja correlacionado à diminuição do estresse, ou seja, conseqüentemente o perdão favorece na saúde do indivíduo, trazendo melhoras na qualidade do sono, fadiga, sintomas físicos e diminuição do uso de medicações.

Para comprovação do fato citado, foi realizada uma pesquisa por Lawler et al., (2005) com 81 adultos relacionando saúde e perdão, constatando a relação entre os mesmos.

Enright e *Human Development Study* (1996), trazem um estudo sobre o perdão baseado no conceito de uma tríade: perdoar o outro, receber perdão e perdoar a si mesmo (WILLIAMS, 2012).

Há uma concordância geral na psicologia de que o perdão não é algo que ocorra acidentalmente, ou seja, é necessária uma decisão em perdoar; o perdão, de modo geral, não está relacionado ao esquecimento dos fatos negativos que ocorreram, muito menos na diminuição ou justificativa do ato do ofensor (WILLIAMS, 2012).

Para Seligman (2001 apud WILLIAMS, 2012), o perdão é uma forma de reformular o passado, tendo em mente de que é impossível esquecê-lo, fazendo assim com que seja uma das formas de fazer com que as lembranças do passado tragam emoções positivas.

Portanto, de modo geral, o perdão é explícito em forma de sentimento ou convivência privada perante um ato, que de alguma forma, ofendeu ou machucou o indivíduo, onde cabe a decisão em perdoar ou não o ofensor (GOUVEIA, 2015).

2.3 PROCESSO DE PERDOAR SEGUNDO A PSICOLOGIA

Apesar das definições sobre perdão dentro da psicologia, o processo de perdoar é algo complexo. O perdão genuíno requer um esforço intrapsíquico importante, onde o indivíduo seja capaz de enfrentar com eficiência os malefícios causados por outro indivíduo, que tenham sido reproduzidos de forma intencional ou não (SUWARTONO, 2007 apud WILLIANS, 2012).

Existem algumas diferentes fases no processo de perdoar desenvolvidas entre os psicólogos, para facilitar o perdão interpessoal e minimizar as consequências causadas por ele. A seguir serão abordados alguns métodos utilizados por psicólogos (WILLIANS, 2012).

Para Murray (2007 apud WILLIANS, 2012), existem quatro fases que compõem o processo do perdão interpessoal:

Quadro 01 Processo do perdão segundo Murray.

<i>1º FASE</i>	<i>Descoberta das defesas, confronto com a raiva e os danos causados.</i>
<i>2º FASE</i>	<i>Decisão – considerar o perdão como uma opção e compromisso.</i>
<i>3º FASE</i>	<i>Reestruturação, empatia, consciência da compaixão, aceitação da dor.</i>
<i>4º FASE</i>	<i>Necessidade de perdoar, receber apoio e um novo propósito de vida.</i>

Fonte: Pesquisadores (2019).

Segundo Enright (1996 apud WILLIANS, 2012), após vasta experiência de trabalho, resultando na elaboração de um manual, constatou quatro fases no processo de perdoar, assemelhando-se as fases do processo de Murray (2002 apud WILLIANS, 2012):

Quadro 02 Processo do perdão segundo Enright (1996 apud WILLIANS, 2012).

<i>1° FASE</i>	<i>Identificação da Raiva</i>
<i>2° FASE</i>	<i>Decidir perdoar</i>
<i>3° FASE</i>	<i>Trabalhar em direção ao perdão</i>
<i>4° FASE</i>	<i>Descoberta e abandono das emoções negativas.</i>

Fonte: Pesquisadores (2019).

Enright (2001 apud WILLIANS, 2012), diz que o processo de perdoar difere de indivíduo para indivíduo e não aconselha o estabelecimento e cumprimento das fases sem o acompanhamento de um terapeuta.

De forma geral, o perdão se resume em um processo multidimensional consciente ou proposital, onde estão envolvidos os seguintes elementos: cognitivos, emocionais e comportamentais (WILLIANS, 2012).

Quadro 03 Processo Multidimensional.

<i>Cognitivos</i>	<i>Comportamentos encobertos, como pensamentos sobre se deve perdoar ou não o ofensor. Se constantes, são considerados ruminacões.</i>
<i>Emocionais</i>	<i>Emoções relacionadas ao ato de perdoar, geralmente positivas como: sensação de liberdade em relação ao passado, mágoa ou ressentimento.</i>
<i>Comportamentais</i>	<i>Prática de conversar ou escrever para o agressor, resolver os</i>

	<i>problemas causados de alguma forma concreta.</i>
--	---

Fonte: Pesquisadores (2019).

Desta forma, a psicologia aponta que há indivíduos que tem maior disposição em liberar perdão, possuindo uma habilidade sólida de agir sobremaneira de forma aberta a perdoar (SUWARTONO, 2007 apud WILLIANS, 2012).

2.4 VINGANÇA X PERDÃO SEGUNDO A PSICOLOGIA

O ser humano, enquanto indivíduo, apresenta uma pré-disposição em responder negativamente a um comportamento interpessoal danoso. No dia a dia, pode se observar que em situações onde o indivíduo sofre insultos, abandono, traição, ataque etc., ele tende a ser motivado a evitar essas pessoas ou buscar por vingança. No reino animal, alguns primatas, podem apresentar alguns comportamentos de revide quando vitimizado por outro animal. (MCCULLOUGH, 2000).

Apesar das motivações para realização de uma vingança serem destrutivas, a ideia de se vingar aparenta ser mais emocionante e satisfatória, pois a mente tem a habilidade de trazer a memória à mágoa presenciada no momento da ofensa por tempo indeterminado. McCullough (2000), afirmam que o indivíduo ao se recordar da ofensa sofrida, tendo ressentimento, pode sentir a raiva do mesmo modo como ocorreu quando sofreu a ofensa em questão, diminuindo assim as chances de se perdoar o ofensor. Afirmam ainda que esse sentimento de vingança só pode ser cessado por meio da liberação do perdão.

2.5 PERDÃO E RECONCILIAÇÃO SEGUNDO A PSICOLOGIA

Segundo Murray (2000 apud WILLIANS, 2012), o perdão não requer necessariamente uma reconciliação entre as partes envolvidas, tendo em vista que é necessária uma mudança por parte do perpetrador para que isso ocorra de fato. Kearns e Fincham (2004 apud

WILLIAMS, 2012) declaram que acreditam que sem a consideração de uma reconciliação seja mais fácil o indivíduo perdoar o ofensor em questão, ilustrando a possibilidade de se perdoar sem que a pessoa perdoada saiba de tal fato.

2.6 PERDÃO SEGUNDO A TEOLOGIA

Certa vez direcionaram uma questão a Martinho Lutero 1529, perguntando se ele sentia que seus pecados haviam sido perdoados, em sua resposta ele expressou: “Não, não sinto que eles estão perdoados; eu sei que eles estão perdoados, porque Deus assim o diz em sua palavra” (WALTER, 1971 apud WILLIAMS, 2012).

Antes de destacar o que é perdão, segundo os ensinamentos de Deus nas escrituras, é necessário o entendimento de que perdão na teologia não é um sentimento, como muito é ensinado fora dos padrões bíblicos (ADAMS, 2015).

Em Efésios 4:32, Paulo destaca que devemos perdoar uns aos outros, assim como Cristo nos perdoou; ou seja, não devemos perdoar como o mundo perdoa, mas sim como Deus nos ensina a perdoar, ajudando a trazer a luz para o verdadeiro significado do perdão segundo a teologia (ADAMS, 2015).

Jay Adams (2015), PhD da Universidade do Missouri e professor de Teologia no *Westminster Theological Seminary*, declara em seu livro sobre perdão:

É claro, quando perdoa, não é que Deus apenas se assenta nos céus e se emociona. Assim, perdão não é um sentimento. Se fosse, nunca saberíamos que fomos perdoados... Ele declara: “*Eu não me lembrarei dos seus pecados*” (Is 43.25; cf Jr 31.34)... Quando perdoa, Deus nos faz saber que não vai mais conservar, registrados contra nós, os nossos pecados. (ADAMS, 2015, p.20)

Com isso, as escrituras revelam que o perdão não é sobre as emoções, ou seja, não é sobre se sentir perdoado ou sentir que deve perdoar; a Bíblia afirma: “Ora, não há nada mais enganoso e irremediável do que o coração humano, e sua doença é incurável. Quem é capaz de compreendê-lo?” (Jr. 17:9). Segundo Adams (2015) se o perdão fosse somente sobre as emoções, não haveria capacidade humana em saber que foi perdoada por Deus, mas graças

ao Pai existe a certeza de que o perdão é a solução que Cristo trouxe a remissão do pecado da humanidade.

O perdão, sobre a ótica teológica, é uma promessa; no livro de Isaías 43:27 a bíblia fala: “Eu, eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de mim, e dos teus pecados não me lembro.”; portanto Deus faz a promessa de não se lembrar dos erros cometidos, pois o mesmo já está perdoado (ADAMS, 2015).

O perdão como promessa, é explicado pelo autor com base no versículo citado acima, onde enfatiza que o mesmo é a promessa de Deus em não mais se lembrar dos nossos erros. É necessário entender a diferença entre “não lembrar” e “esquecer” para compreensão a respeito do perdão como uma promessa:

Esquecer é passivo e é algo que nós seres humanos, não sendo oniscientes, fazemos. “Não se lembrar” é ativo; é uma promessa pela qual uma pessoa (no caso, Deus) determina não se lembrar dos pecados da outra pessoa [usando-os] contra ela (ADAMS, 2015. p.21).

Portanto, é Deus prometendo que por intermédio do perdão, Ele escolhe não usar, contra nenhum indivíduo no futuro, os erros e tropeços cometidos no passado. Como já citado, “não lembrar” é algo ativo e esquecer é algo passivo, ou seja, o indivíduo tem a capacidade de controlar o que lembra, mas não tem o controle de esquecer os fatos por si só; o esquecimento pode ocorrer de forma natural, mas não controlado pela mente humana. Com base nesse fato, quando ocorre o perdão segundo os ensinamentos bíblicos há a promessa de o indivíduo ofendido não mais lembrar e usar contra o seu ofensor os erros cometidos (ADAMS, 2015).

2.7 PERDÃO X DESCULPA NA VISÃO TEOLÓGICA

Antes de ser abordado com mais profundidade a respeito do perdão segundo a teologia, é necessário que se esclareça a diferença entre perdão e desculpa. Adams (2015) afirma que a desculpa é a substituição de perdoar no mundo.

Segundo ele, ninguém sabe ao certo como surgiu a expressão “pedir desculpa”, mas afirma que a desculpa é um tipo de defesa. Na Grécia antiga, onde acredita-se que possa ter surgido o termo de desculpa, era realizado uma Apologia, palavra que vem do grego e tem

por significado: discurso para defender, justificar ou louvar; onde os indivíduos ao cometer um erro, ao invés de confessar e pedir perdão, iam ao tribunal para realizar uma apologia, ou seja, defender-se ou justificar a culpa. A diferença entre desculpar e perdoar está no fato de a desculpa ser um tipo de defesa, por meio do qual o ofensor ao cometer alguma falta, de imediato, pede desculpas sem confessar ou reconhecer o seu erro para com o ofendido (ADAMS, 2015).

Na desculpa nenhum compromisso é feito, o problema não é resolvido, e o que ofendeu não é obrigado a resolver a questão. Provavelmente, ele é agradecido pelo fato, pois, desculpando-se, o transgressor nem sequer admitiu seu próprio erro. Ele apenas disse que se desculpa pelo que aconteceu (ADAMS, 2015, p.79).

A diferença entre desculpa e perdão é que Deus determina que deve haver um compromisso entre as partes envolvidas em se arrepender, confessar e não lembrar; para que seja possível alcançar um desfecho adequado (ADMS, 2015).

2.8 PROCESSO DO PERDÃO NUMA VISÃO TEOLÓGICA

Quando se é ofendido, traído ou ferido, existe uma maneira correta de se perdoar. Segundo os ensinamentos bíblicos de Jesus, o processo de perdão é complexo, porém não impossível. Ao ofendido, o processo do perdão pode ser explicado através da passagem bíblica que se encontra no livro de Lucas 17:3-10 (ADAMS, 2015, p. 85):

Acautelai-vos. Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe. Se, por sete vezes no dia, pecar contra ti e, sete vezes, vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe. Então, disseram os apóstolos ao Senhor: Aumenta-nos a fé. Respondeu-lhes o Senhor: Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta amoreira: Arranca-te e transplanta-te no mar; e ela vos obedecerá. Qual de vós, tendo um servo ocupado na lavoura ou em guardar o gado, lhe dirá quando ele voltar do campo: Vem já e põe-te à mesa? E que, antes, não lhe diga: Prepara-me a ceia, cinge-te e serve-me, enquanto eu como e bebo; depois, comerás tu e beberás? Porventura, terá de agradecer ao servo porque este fez o que lhe havia ordenado? Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer. (Lucas 17:3-10)

Nessa passagem Jesus começa seu ensinamento sobre o processo do perdão alertando para que se tenha cautela, pois geralmente a primeira reação do indivíduo ao ser ofendido é assumir um papel de vítima, mostrando a todos suas feridas e expressando como o ofensor o afetou. O primeiro passo para o processo do perdão é não se vitimizar, muito menos levar o ocorrido a outros indivíduos ou buscar vingança, mas sim ir até o ofensor, e dialogar sobre o ocorrido: “Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o” (v.3), para que assim possa haver esclarecimento e reconciliação (ADAMS, 2015).

A ordem de Jesus é clara, se alguém for ofendido deve ir até o seu ofensor, independentemente do quão inocente o ofendido seja em toda a situação. O fato de o ofendido ir até o ofensor, não isenta a responsabilidade do ofensor de ir até quem ele ofendeu; as escrituras deixam isso claro no livro de Mateus onde diz:

“Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e, depois, vem e apresenta a tua oferta.” (Mateus 5:23,24).

A ordem é para os dois indivíduos, não somente para quem ofendeu. A necessidade do ofendido de ir até o ofensor, como Jesus ordena, para repreendê-lo, é fazer com que o ofensor saiba que realizou algo que feriu o seu próximo, pois muitas das vezes o ofensor pode ter feito alguma coisa que ofendeu outro indivíduo sem nem ao menos perceber; o que pode ocasionar na quebra do relacionamento entre as pessoas sem que uma das partes saiba ao certo o real motivo, trazendo assim, relacionamentos quebrados por ofensas chulas ou falta de comunicação (ADAMS, 2015).

Se mesmo ao expor para o ofensor o ocorrido, mesmo que ele tenha realizado algo para ferir seu próximo de forma proposital, Jesus nos ensina que se houver arrependimento é preciso perdoar todas as vezes o ofensor: “Se, por sete vezes no dia, pecar contra ti e, sete vezes, vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe.” (v.4) (ADAMS, 2015).

No decorrer da passagem citada acima, pode-se observar que após Jesus ter ensinado como perdoar os discípulos suplicam: “*Aumenta-nos a fé.*” (v.5); Jesus sabia que eles estavam suplicando por fé como uma justificativa de que não teriam fé suficiente para cumprir o que Cristo acabara de ensinar como uma ordenança. Como resposta, Jesus relata no versículo 6, que se a fé deles fosse do tamanho do grão de mostarda, poderiam transportar

montes, ou seja, até uma pequena fé pode realizar coisas assombrosas; mas o perdão não é uma questão de fé e sim de obediência, não há desculpas para não perdoar (ADAMS,2015).

Por fim, Jesus termina essa passagem falando a respeito do servo e seu senhor, onde o servo cumpriu com as suas obrigações do dia a dia e ao retornar para a casa de seu senhor, mesmo cansado e com fome, precisa preparar o jantar e só se servir após seu senhor ter terminado. O que Cristo traz a respeito desse exemplo é que, mesmo sentindo fome, cansaço ou até mesmo vontade de descansar, aquele servo não deixou de obedecer ao seu senhor, ou seja, perdão não tem a ver com o que se sente, mas sim com obedecer a ordem do seu senhor (ADAMS, 2015).

Todas as vezes em que há a recusa de se liberar perdão ao próximo, essa atitude se torna uma decisão de se vingar: “É tomar a vingança em suas próprias mãos.” (ADAMS, 2015, p. 36), porém a bíblia vai nos ressaltar que: “Minha (Deus) é a vingança; a retribuição” (Deuteronomio 32:35), por isso o perdão deve ser entendido como uma atitude de obediência, onde há uma promessa tripla de não trazer a memória o erro cometido contra o indivíduo; não levar esse erro a ninguém e nem a você mesmo (ADAMS, 2015).

2.9 PERDÃO CONDICIONAL

Na passagem de Marcos 11:25 diz: “E, quando estiverdes orando, perdoai, se tendes alguma coisa contra alguém, para que vosso Pai, que está nos céus, vos perdoe as vossas ofensas.” Quando Jesus profere essas palavras, ele traz uma condição em relação ao perdão, é necessário que o indivíduo esteja, interiormente, inclinado a perdoar o seu ofensor, ou seja, o perdão ao próximo, como Cristo ensina, não deve ser baseado nos sentimentos, mas sim na busca em ser como Deus é, “pronto a perdoar” (Salmos, 86:5), para que assim possa receber o perdão do Pai Celestial. (ADAMS, 2015)

Quando o perdão é baseado no perdão de Deus ele é claramente condicional. Os Apóstolos não somente pregavam o perdão dos pecados, mas que enfatizavam que foram chamados para anunciar o arrependimento e o perdão dos pecados. Adams diz: “Os pecados dos que se arrependeram e confiaram no Salvador como o que derramou seu sangue por eles foram perdoados nas condições de arrependimento e fé” (ADAMS, 2015, p. 47).

Deus não vê relevância em um perdão com fim em si mesmo ou como um método utilizado por terapeutas e psicólogos para trazer benefícios por intermédio do perdão; mas sim como ferramenta de reconciliação resultante do arrependimento (ADAMS, 2015).

2.10 RECONCILIAÇÃO SEGUNDO A PERSPECTIVA TEOLÓGICA

Como abordado anteriormente, o perdão segundo a psicologia aponta que não necessariamente ao perdoar é preciso ter reconciliação entre as partes envolvidas (MURRAY, 2000 apud WILLIAMS, 2012).

No entanto, segundo Adams (2015), por meio do perdão há a remoção de culpa do ofensor e a possibilidade da reconciliação entre as partes. O perdão é o primeiro passo para a reconciliação, é o caminho para a construção de um novo e melhorado relacionamento entre os indivíduos que se afastaram por conta de alguma desavença entre si. Deus não está interessado somente no perdão como resposta padrão de algo engessado, mas sim no perdão como peça de introdução na estruturação do novo contato.

O exemplo que Deus deixou é o padrão que deve ser seguido, onde no plano da salvação, Ele não somente perdoa os pecados da humanidade, mas passa a firmar um novo relacionamento com o ser humano. A ofensa ou erro separa os indivíduos criando uma barreira, o perdão quebra essa barreira que os separava, mas não os uni; além de separar a barreira é necessário o trabalho em conjunto para que haja reconciliação (ADAMS, 2015).

O restabelecimento de um relacionamento não ocorre de um dia para o outro, é necessário dedicação, tempo, criatividade etc. Outro ponto importante é entender que a reconciliação não dita o nível de amizade entre as partes envolvidas, mas é algo primordial para a comunhão (ADAMS, 2015).

Outra questão relevante, como já exposto, o perdão é condicional, é necessário que haja arrependimento. Em Mateus 18:15-20 diz:

Ora, se teu irmão pecar contra ti, vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, ganhaste a teu irmão; Mas, se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda a palavra seja confirmada. E, se não as escutar, dize-o à igreja; e, se também não escutar a igreja, considera-o como um gentio e publicano. Em verdade vos digo que

tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu. Também vos digo que, se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus. Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles.

Adams (2015), vai trazer a seguinte explicação, Jesus nessa passagem reafirma o que já foi exposto acima, que quando um indivíduo sofre uma ofensa deve ir até o ofensor expor a situação somente com ele para que ocorra confissão e arrependimento dos erros cometidos; se assim não ocorrer, Jesus manda chamar testemunhas e em seguida levar o assunto diante da igreja para que haja arrependimento e confissão. Se depois de todas as medidas tomadas, o ofensor não se arrepender então será excluído da comunhão entre os irmãos.

Como já afirmado, o perdão segundo os padrões de Deus é estar pronto a perdoar e a restauração da comunhão, porém, sendo algo condicional, se não houver arrependimento em nenhuma das tentativas citadas acima é impossível a comunhão com tal pessoa (ADAMS, 2015).

2.11 PERDÃO E GRAÇA

Muito é declarado a respeito das repostas por meio terapêutico em perdoar outro indivíduo, hoje em dia é levantada uma ideia que Deus, mediante o perdão, pode aliviar culpas, dores etc. A motivação em perdoar não deve ser para o benefício próprio, mas sim como forma de obediência (ADAMS, 2015).

O perdão, dentro dos padrões de Deus, não deve ser algo vantajoso para si mesmo, mas sim baseado na graça. A bíblia vai nos dizer em Efésios 4:32: “Antes sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo.” Adams (2015), afirma que os verbos que compõem essa passagem, no original grego, ressaltam a graciousidade da prática em perdoar.

A palavra graça tem como significado favor imerecido, ou seja, o perdão segundo o modelo que Deus deixou é sobre conceder algo a alguém que ele não mereça, é sobre outorgar a outra pessoa a liberdade da qual ela não merecia, é perdoar em obediência e honra a Deus, tomando como paradigma o perdão de Cristo (ADAMS, 2015).

2.12 PERDÃO E A IGREJA

A igreja como um todo deve perdoar segundo os padrões bíblicos já citados acima, porém como uma comunidade, muito se confunde em perdão coletivo, onde é entendido que a igreja deve aceitar todos como são. Existe uma grande diferença entre aceitar e perdoar. Aceitação é considerar o indivíduo como ele é, sem mudanças ou compromisso, tolerar o pecado. O perdão traz a luz os erros e pecados, para que assim possa ser perdoado dentro do arrependimento e confissão, para que haja mudança de vida em Cristo. A igreja não deve discriminar os indivíduos, mas deve pregar a verdade de que Cristo nos perdoou para nos dar uma nova vida e viver segundo os seus propósitos e não como cada indivíduo acha melhor (ADAMS, 2015).

3 ANÁLISE CONCEITUAL

Por se tratar de um estudo bibliográfico, foram selecionado os ensinamentos realizados pelo PhD e Teólogo Jay Adams (2015), apresentado em seu livro: De perdoado a perdoador (2015), onde foi abordado o resultado sobre o exercício do perdão baseado nos capítulos: “Perdão, na prática”, “Quando você é o ofensor” e “O Poder do Perdão”; sob a ótica bíblica do assunto em questão.

3.1 PERDÃO NA PRÁTICA

Dentro do estudo realizado por Jay Adams sobre o perdão e como ele pode ser aplicado na prática, são apresentadas três situações, nas quais o perdão é utilizado em situações comuns que rodeiam a vida dos cristãos nos dias de hoje.

3.2 PERDÃO X DIVÓRCIO

Na primeira situação apresentada pelo autor, ele se refere a um cenário que infelizmente ocorre no âmbito cristão e que precisa ser encarado à luz da bíblia. No primeiro contexto é encontrada a situação na qual um cônjuge trai a sua parceira e a mesma, após ter liberado perdão, tem o desejo de se divorciar. No caso apresentado ocorre os seguintes fatos, primeiramente o marido em sua fraqueza carnal, acaba por se entregar as paixões humanas e trai a sua esposa com outra mulher; o marido ao cair em si, arrepende-se de seus atos, confessa seus erros a sua esposa e pede perdão como forma de se redimir por seus erros (ADAMS, 2015).

A esposa, por outro lado, mostra-se incrédula com a situação, porém, apesar do grande abalo, concede perdão ao marido, dentro do entendimento de que o perdão é uma promessa sobre não mais se lembrar. Passados alguns dias, a esposa declara ao seu cônjuge que tem o desejo de se divorciar, alegando que a bíblia lhe dá respaldo para realizar o mesmo devido a situação ocorrida e como consequência não deseja mais manter um relacionamento com seu cônjuge (ADAMS, 2015).

Segundo Adams (2015), a forma como proceder nessa situação segundo os ensinamentos bíblicos a respeito do perdão é: entender que nessa situação a esposa tinha conhecimento sobre o que era perdão e concedeu ao marido realizando a promessa de não mais se lembrar; o marido por sua vez, ao ser perdoado toma a atitude de buscar ajuda pastoral para restabelecer o relacionamento entre ambos.

Ao conceder o perdão ao marido, conseqüentemente a promessa foi feita pela esposa, ou seja, não seria bíblico realizar o divórcio, pois ao se divorciar seria a concretização da quebra dessa promessa de não lembrar, pois esse fato seria a recordação eterna do ato realizado, ou seja, a desculpa do divórcio é quebrada com a própria promessa feita no ato do perdão. O marido cumpriu os padrões bíblicos citados acima sobre os processos de perdão, ou seja, se arrependeu, confessou e pediu perdão; a esposa por sua vez deve seguir o princípio que Jesus ensinou em Lucas 17-4: “Se, por sete vezes no dia, pecar contra ti e, sete vezes, vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe” (ADAMS, 2015).

Ou seja, nessa situação sobre divórcio, Adams (2015), vai exemplificar que o marido deve se arrepender, confessar e pedir perdão, a esposa por sua vez deve perdoar segundo o

ensinamento de Cristo como forma de obediência e ambos devem caminhar juntos na busca por restaurar o relacionamento que fora quebrado por meio da traição, buscando aconselhamento pastoral e dedicação de tempo um para com o outro.

3.3 PERDÃO NO DIA A DIA

Outra situação apresentada pelo autor é a de que o perdão deve ser ensinado na prática, principalmente para as crianças no dia a dia, para que elas possam ter conhecimento prévio sobre o que é perdão segundo os padrões de Deus e colocá-los em prática desde pequenos (ADAMS, 2015).

Adams (2015), exemplifica essa situação trazendo ao entendimento de que um adulto pode errar com uma criança e que não é vergonhoso pedir perdão a um pequenino; porém o processo do perdão deve ser realizado de forma sincera e segundo o modelo divino, não somente com o objeto de correção, mas com a intenção de ensinar que apesar de serem autoridades sobre seus filhos, os pais, com a atitude de pedir perdão segundo os padrões bíblicos, mostram que existe uma autoridade maior do que eles, Deus, e que é Ele quem rege a vida dos mesmos, inclusive nas situações corriqueiras do dia a dia.

3.4 UTILIZAÇÃO DO PERDÃO COMO FORMA DE ABUSO

Nessa situação, o autor traz o seguinte contexto: uma mulher divorciada, com um filho adolescente, cristã e ativa nas atividades da igreja; acusa um homem casado de estar dando em cima da mesma ao levá-la para casa após as reuniões da igreja que ocorrem semanalmente. A mulher em questão, vai ao encontro da esposa do homem citado acima e o acusa de ter dado indícios de estar apaixonado por ela ou com segundas intenções. A esposa ao ter conhecimento sobre as circunstâncias, questiona a mulher a respeito do comportamento do marido, porém ela não consegue detalhar os fatos para se comprovar que realmente tenha ocorrido o interesse por parte desse marido para com essa mulher. A esposa ao relatar ao marido toda essa situação percebe o espanto do mesmo em relação a todas as declarações

feitas por aquela mulher; claramente pode-se perceber que se trata de uma acusação falsa contra aquele homem (ADAMS, 2015).

O objetivo de Adams (2015) ao relatar esse caso, é mostrar como é comum um indivíduo ser acusado de algo injustamente e mesmo assim ter que pedir perdão para apaziguar a situação e chegar em uma solução. Esse fato como abuso do perdão, por meio do qual o verdadeiro ofensor recebe um pedido de perdão, geralmente acompanhado de “Se por acaso deu a entender que ...” ou “Se eu fiz ou falei algo que ...”, onde o acusado assume a culpa que não existe sobre si, quando na verdade, o acusador deveria reconhecer que o verdadeiro pecado cometido foi realizado por ele ao erroneamente acusar um indivíduo apenas com suposições de sua imaginação fértil.

A primeira atitude do ser humano ao se encontrar nessa situação, mesmo sendo inocente das acusações realizadas, é em chegar até o ofensor e tomar a atitude citada acima: “Se por ventura eu dei a entender que ...”, quando na verdade quem deveria pedir perdão e assumir a culpa é quem acusou injustamente o seu próximo. Esse abuso de perdão ocorre como uma ferramenta para diminuir o constrangimento da situação em si. Mas Jesus ensina em Lucas 17:3 que: “Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o” (ADAMS, 2015).

Como conclusão desse caso, Adams (2015) apresenta duas soluções e um alerta, a primeira solução é que, se realmente o marido tenha apresentado comportamento que davam indícios de estar interessado naquela mulher sendo casado, ele deve se arrepender, confessar e pedir perdão para que a situação seja resolvida. Na segunda solução, que é a solução para o caso em questão, onde o indivíduo foi acusado injustamente de algo que não fez, o casal deve conversar com essa mulher e a repreender, como já citado acima, mostrando a ela que ela pecou ao acusar aquele homem e ao criar ilusões fantasiosas em sua mente, se a mesma reconhecer o seu erro, arrepender-se, confessar e pedir perdão a situação se resolve ali. Caso contrário, deve-se realizar o procedimento como Jesus ensina em Mateus 18:16, levar a outras testemunhas e por fim até a igreja, para que haja reconciliação através da disciplina eclesiástica.

O autor alerta para que não ocorra o uso abusivo de perdão e para que, o indivíduo como cristão, venha entender e aplicar de forma correta os processos do perdão nessa situação, pois o perdão, mediante o arrependimento traz mudança de atitude. Se o ofensor

não reconhecer seu erro e não se arrepender não haverá mudança de vida, podendo ocasionar na prática do pecado contra outros indivíduos (ADAMS, 2015).

3.5 QUANDO VOCÊ É O OFENSOR

Como já citado no presente trabalho, foi abordado o que é perdão e os processos de se perdoar, porém quando o indivíduo se encontra na posição de ofensor o processo de pedir perdão é diferente do processo em perdoar (ADAMS, 2015).

Quando algum indivíduo ofende seu próximo, a atitude a ser tomada deve ser baseada em Mateus 5:23-26:

Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faz a tua oferta. Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz, ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão. Em verdade te digo que não sairás dali, enquanto não pagares o último centavo. (Mateus 5:23-26).

Quando o indivíduo ofende outro, Jesus ensina que, antes de entregar a sua adoração, deve se apressar em resolver a situação, levando em conta que o ofensor deve se arrepender, confessar e pedir perdão pelo ato cometido, para que assim a adoração feita seja aceita por Deus e para que não seja julgado pelo Senhor Jesus (ADAMS, 2015).

Se você é o ofensor que provocou rachaduras numa relação entre você e alguém – quer seja um membro de família, um cônjuge, um amigo ou um membro da igreja – você é obrigado a ir. E tem de ir rapidamente. Quando for, no entanto, não vá justificando seu pecado... Não, concentre-se inteiramente em seu próprio pecado (ADAMS, 2015, p. 72).

3.6 O PODER DO PERDÃO

Segundo o autor, o perdão, seguido conforme o modelo de Deus, tem o poder em sua prática de trazer restauração, mudança de vida e de anular uma dívida. A partir do momento em que se concede o perdão a um indivíduo, não há como retirar o ato feito, pois as palavras

“Eu o perdoo” tem autoridade, não no sentido de fazer magicamente com que os indivíduos envolvidos tenham melhoras milagrosas pelo fato de perdoar, mas sim, porque tem o poder de remover a culpa e de nunca mais ser desfeito o que foi declarado. O verdadeiro perdão pode ter poder de duas formas, o primeiro em relação ao ofendido, que ao perdoar tem o poder de retirar a culpa do seu ofensor, fazendo com que ele venha se redimir de seus erros e mudar de vida ou ainda, em não conceder o perdão e o ofensor padecer em seus erros, que pode haver consequências. O segundo poder que o perdão tem, tem relação com o ofensor, que ao ser perdoado tem poder sobre o ofendido no sentido de que, se o ofendido lembrar dos erros do ofensor, “*jogar na cara*”, ele tem o poder dado por Cristo em Lucas 17:3, de repreender o ofendido, para que ele reconheça o seu erro de quebrar a promessa feita ao perdoar (ADAMS, 2015).

Por fim, o autor finaliza dizendo que o poder do perdão traz arrependimento, ou seja, só faz sentido se for acompanhado da mudança de pensamento, atitude; que é o que o arrependimento produz no indivíduo. Por isso Jesus ensina em Mateus 18:15-20, que deve-se chamar o ofensor e caso ele não se arrependa, não tenha mudança de vida, em nenhuma das situações apresentadas, o indivíduo deve ser excluído da comunhão (ADAMS, 2015).

4 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para realização desse estudo foi uma pesquisa bibliográfica com foco no perdão segundo a visão psicológica e teológica tendo seu ponto central no relacionamento interpessoal.

A pesquisa teve como base o levantamento de materiais como Bíblia Sagrada, livros, Google Acadêmico. Foram utilizados artigos e livros, para se obter a base da fundamentação teórica do trabalho. Os autores escolhidos foram baseados em sua formação acadêmica. A maioria é Doutor ou PhD nos assuntos abordados.

A pesquisa foi realizada primeiramente com o estudo sobre o perdão de forma geral e em seguida foi feita a seleção dos estudos sobre perdão pela ótica psicológica e teológica.

O resultado apresentado do presente trabalho, após abordagem dos conceitos psicológicos e teológicos sobre perdão, deu-se baseado no estudo realizados por Jay Adams e apresentados em seu livro: “De perdoado a perdoador”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre perdão na visão psicológica e teológica, bem como a exemplificação do uso do mesmo segundo o modelo bíblico em situações que ocorrem atualmente, permitiu a compreensão de que o perdão, para os cristãos, é uma questão de obediência e uma promessa de não mais se lembrar dos erros cometidos contra o ofendido.

Para que processo em perdoar seja realizado satisfatoriamente, é necessário que ambas as partes envolvidas estejam dispostas a resolverem a situação baseada no arrependimento, confissão e perdão; tendo em mente que o não cumprimento das ordenanças de Cristo citadas no presente trabalho podem trazer consequências.

Outro ponto a se destacar é que mesmo a psicologia afirmando que para perdoar não é necessário que haja reconciliação entre as partes, é de suma importância enfatizar, que segundo o modelo dado por Deus, o perdão é a chave para restauração dos relacionamentos quebrados por uma ofensa.

Finalmente, mediante a análise literária e coleta das informações aqui apresentados, conclui-se que outros estudos podem ser desenvolvidos a partir do conhecimento exposto no presente trabalho, bem como auxiliar líderes ministeriais no aconselhamento sobre o processo de perdoar.

Autorizo cópia total ou parcial desta obra, apenas para fins de estudo e pesquisa, sendo expressamente vedado qualquer tipo de reprodução para fins comerciais sem prévia autorização específica do autor. Autorizo também a divulgação do arquivo no formato em PDF no banco de monografias da Biblioteca institucional.

Claudia Monteiro Das Chagas
Débora Dos Santos Rodrigues
Pindamonangaba, dezembro de 2019.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ADAMS, Jay E. **De perdoado a perdoador**: Aprendendo a perdoar uns aos outros na forma de Deus. Brasília: Editora Monergismo, 2015.

ALMEIDA, João Ferreira de. Trad. **A Bíblia Sagrada** (revista e atualizada no Brasil) 2^oed. São Paulo. Sociedade Bíblica Brasileira, 1993.

AURÉLIO. **Dicionário do Aurélio Online** 2018. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/perdao>>. Acesso em: Abr, 2019.

CHAMPMAM, Gary; THOMAS, Jennifer M. **As cinco linguagens do perdão**. Editora Mundo Cristão, 2007.

ENRIGHT, R. D., & NORTH, J. (Orgs.). (1998). **Exploring Forgiveness**. Madison: University of Wisconsin Press.

WILIANS, Lucia Cacalcanti de Albuquerque. Perdão e reparação de danos. In: GOMIDE, Paula Inez Cunha. (Org.). **Comportamento moral**: uma proposta para o desenvolvimento das virtudes. Curitiba: Juriá, 2012.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GOUVEIA, Valdiney **Veloso et al. Escala de Disposição para Perdoar**: estrutura, consistência interna e invariância fatorial Estudos de Psicologia, vol. 32, núm. 2, abril-junho, 2015, pp. 151-161.

LAWLER, K. A., et al, (2005). **The unique effects of forgiveness on health**: An exploration of pathways. *Journal of Behavioral Medicine*, 28, (2), 157-167.

MCCULLOUGH, M. E. (2000). **Forgiveness as human strength**: Theory, measurement, and links to well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 19, (1), 43-55.

VERZTMAN, J. **O Perdão é um tema que interessa à Psicanálise?** In: VERZTMAN, J.; HERZOG, R.; PINHEIRO, T.; PACHECO-FERREIRA, F. (org.). *Sufrimentos narcísicos*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2012. p. 250-312.